

KINOSAKI NITE (1) DE NAOYA SHIGA

Luiza Nana Yoshida

Ainda não me foi possível fazer um estudo aprofundado a respeito da obra e da vida de Naoya Shiga (2), embora fosse grande o meu interesse por ele. Este artigo não tem, portanto, a pretensão de ser um estudo crítico a respeito das obras deste renomado escritor, apenas me limito a relatar as minhas impressões através da sua obra *Kinosaki nite*.

Kinosaki nite não possui um enredo propriamente dito, pois consiste em uma reflexão feita pelo "eu" (3) a respeito da vida e da morte, depois de ter sofrido um acidente quase fatal, e de ter sentido a morte bem de perto.

Para a convalescença, o "eu" vai descansar nas termas de Kinosaki (4) onde num curto período de tempo depara com a morte de uma abelha, de um rato e de uma lagartixa d'água, em circunstâncias diversas.

A primeira morte se refere à da abelha que encontra já morta, no telhado que se vê da sacada do seu quarto no segundo andar da hospedaria.

O personagem nota que há uma colméia entre as ripas que ficam na divisória do telhado do hall de entrada e da parede da casa. Quando o tempo está bom, há um movimento constante de entrar e sair das abelhas entre as ripas e, numa certa manhã, o "eu" descobre uma abelha morta no telhado do hall de entrada.

Segundo muitos críticos japoneses, a qualidade maior de Shiga está na sua linguagem extremamente bem cuidada, clara, correta, que o torna capaz de transmitir aos leitores, tudo aquilo que vê, de uma maneira fiel, ou seja, assim como ele realmente a vê, utilizando-se de um vocabulário simples, mas expressivo.

Sua linguagem torna-se quase que visual, motivada pela habilidade com que Shiga utiliza o vocabulário adequado nos lugares devidos, e pela sabedoria com que escolhe a palavra, fatores esses que possibilitam formar a imagem fiel do quadro que quer transmitir.

Muitos críticos já chamaram a atenção para essa qualidade de Shiga, tanto que trechos da sua obra *Kinosaki nite* são citados como linguagem modelo da língua japonesa.

Junichiro Tanizaki, por exemplo, em seu *Bunshō Dokuhon* (5) (Modelos de Linguagem), destaca, à certa altura, o trecho em que é narrado o episódio da abelha para o desenvolvimento do seu estudo. Ele chama a atenção, por exemplo, para a observação minuciosa que o autor faz, escrevendo exatamente conforme seus olhos viram, sobre a abelha que sai da colméia e alça vôo.

“As abelhas, deslizando-se por entre as ripas, pousam, de início, no telhado do hall de entrada. Aí, depois de examinarem cuidadosamente as asas e as antenas com as patas dianteiras e traseiras, algumas passeiam um pouco, mas logo estendem, firmes, as asas alongadas para os lados e alçam vôo soltando um zumbido. Ao alçar vôo, tornam-se rápidas repentinamente e somem.

Um certo dia, o “eu” descobre uma abelha morta no dito telhado do hall de entrada. Ela está com as patas encolhidas sobre o ventre e as antenas caídas desleixadamente. Essa abelha, tão quieta em seu lugar, contrasta com as outras que trabalham apressadamente, fazendo com que pareçam extremamente cheias de vida. Vê-la tão quieta e sozinha no telhado, depois que as outras se recolham, dava ao “eu” uma sensação de melancolia, embora esse sentimento estivesse envolto num clima de muita tranqüilidade. A morte que ele vira de tão perto se lhe afigurava então como algo muito íntimo e sereno.

“Mesmo agora, as abelhas da colméia estão trabalhando energeticamente, mas a abelha morta deve ter sido arrastada para o chão através da calha. Deve estar imóvel em algum lugar, com as patas encolhidas, as antenas grudadas no rosto e talvez coberta de lama. O cadáver deve ficar hirto aí, até que ocorra no exterior, uma outra mudança que o movimente. Ou será arrastado pelas formigas? Não obstante, isso era extremamente sereno. O completo cessar dos movimentos daquela que trabalhava sem tréguas, proporcionava tranqüilidade. Eu senti uma familiaridade com

relação a essa tranqüilidade”

Decorrido pouco tempo desde a morte da abelha, o “eu” encontra, certa manhã, uma multidão a olhar em direção a um certo ponto do rio. Nota um rato com um espeto para peixe de aproximadamente 21 cm transpassado em seu pescoço. As extremidades do espeto surgiam a uns 9 cm acima da cabeça e 9 cm abaixo do pescoço.

O rato nadava debalde de um lado para o outro tentando sair do rio, mas as extremidades do espeto atrapalhavam-no, e ele não conseguia subir pela margem coberta de pedra (6). Empenhava-se em se salvar, como se houvesse alguma possibilidade, fugindo para algum lugar.

Para o “eu”, aquela imagem do rato debatendo-se para se salvar a qualquer custo, embora já praticamente clara a sua morte, deixou marcas em sua memória.

Esse quadro fá-lo conscientizar-se da realidade cruel que existe anteriormente à morte.

“Eu fiquei com um sentimento de tristeza e repulsa. Pensei: aquela é que é a realidade. É amedrontador o fato de existir um sofrimento como aquele, antes da tranqüilidade que estou desejando. Mesmo que eu sinta intimidade com relação à serenidade do momento após a morte, pensei: aquela agitação pela qual se passa até se chegar à morte é amedrontador. Os animais, que não conhecem o suicídio são obrigados a continuar com aquele esforço até alcançarem finalmente a morte.”

A posição do “eu” diante da morte vai agora caminhar para uma reflexão mais profunda, ligada ao instinto de sobrevivência que tanto o animal, como o homem possuem dentro de si.

O “eu” que de início tem uma postura digamos estática, com relação à morte,

“Por um triz, a essas horas, estaria deitado de costas debaixo da terra de Aoyama (7). Com a cara pálida, gelada e dura, com os ferimentos do rosto e das costas intactos. Do lado estão os restos mortais do meu avô e da minha mãe. E estes também, sem terem nenhuma relação entre si — brotam-me pensamentos assim. Isso é melancólico. Mas era um pensamento que não me amedrontava tanto assim.”

percebe que existe uma luta ferrenha antes de se chegar à morte, e se conscientiza de que ele mesmo havia travado essa luta na época do acidente, quando sem perceber, o seu instinto de sobrevivência havia falado mais alto que a sua razão.

“Eu tentei fazer tudo que me fosse possível. Eu próprio escolhi o hospital. Indiquei como chegar a ele. Pedi, por exemplo, para que telefonassem antes, pensando que seria problemático não se poder fazer os preparativos para a operação logo que chegasse, caso o médico estivesse ausente. O fato de a cabeça ter funcionado eficientemente a respeito das coisas mais importantes, mesmo num estado de semi-consciência, a mim mesmo pareceu, mais tarde, estranho.”

O que lhe causou estranheza também foi o fato de ele não ter praticamente se apavorado com a gravidade do seu ferimento, que poderia se tornar fatal. Embora não o apavorasse, não pôde negar que cresceu dentro dele uma alegria inexplicável ao ouvir o médico dizer que não era um ferimento fatal. Não saberia dizer qual seria a sua reação se tivesse ouvido que iria morrer, mas sente que, mesmo assim, procuraria uma maneira de se salvar e faria qualquer esforço para continuar a viver. E isso seria algo semelhante ao instinto de sobrevivência do rato.

Percebemos que há dentro do “eu” duas forças contrastantes: o sentimento de proximidade com a morte que não o amedronta e, ao mesmo tempo, a vontade de viver que o impele a se agarrar em qualquer coisa que lhe permita continuar vivendo. Qual seria, então, a sua reação com relação a essas duas forças?

O sentimento do “eu” parece caminhar para uma aceitação das duas forças como algo inevitável, e isso parece evidenciar-se mais na cena da lagartixa d’água.

Certo entardecer, durante o seu passeio ao longo de um rio, o “eu” vê uma lagartixa d’água numa pedra, na margem oposta. Fica contemplando o pequeno animal por algum tempo e, a certa altura, atira uma pedra com a intenção de assustá-lo. Por um desses caprichos da natureza, ele que nunca conseguira antes acertar num único alvo, mesmo mirando, acaba pegando em cheio e matando a pobre lagartixa. Ele próprio não acreditava no que fizera. Não conseguia entender por que isso acontecera. Não tinha como explicar essa morte senão atribuindo-a ao acaso. Foi uma morte súbita e inesperada.

“Para a lagartixa foi uma morte completamente inesperada. Eu fiquei aí agachado por algum tempo. Senti como se restássemos só eu e a lagartixa, e senti isso colocando-me no lugar dela. Ao mesmo tempo que tinha pena, senti também a solidão do ser vivo. Foi por acaso que não morri. A lagartixa morreu casualmente.”

A vida e a morte são de certo modo inexplicáveis. Não há como criar uma vida a partir de matérias artificiais, nem evitar uma morte física eternamente. A vida e a morte são também inseparáveis, pois uma não existiria sem a outra. Por força do acaso, ora estamos vivos, ora morremos. Não há como lutar contra isso.

Parece ser mais ou menos essa a conclusão a que o “eu” chega. Ele parece entregar a vida e a morte às mãos do acaso. O homem se torna impotente diante disso e não há muito a fazer senão esperar que num belo dia a morte chegue.

“O que teria acontecido com a abelha? Deve estar já debaixo da terra, arrastada pela chuva que caiu após a sua morte. O que teria acontecido com aquele rato? Arrastado para o mar, a essas alturas, esse corpo inchado de água deve ter sido trazido para a praia junto com os detritos. E eu, que não morri, estou agora aqui. Assim pensei. Senti também que deveria estar agradecido com relação a isso. Mas a verdade é que não nasceu dentro de mim o sentimento de alegria. O viver e o morrer, esses dois fatos, não são opostos. Pareceu-me não haver tanta diferença assim ”

Apesar do relato de três episódios aparentemente independentes, notamos que existe uma estruturação dentro da obra, onde o fio mestre de ligação é o sentimento do “eu” que varia diante de cada uma das mortes:

- a) abelha: temos aqui a morte já consumada, que surge como algo tranqüilo e pela qual o “eu” nutre até uma certa intimidade. É o contraste entre a vida agitada, representada pelas abelhas da colméia, e a morte, na figura da abelha morta. A vida é como sinônimo de agitação e a morte, de tranqüilidade.
- b) rato: é o retrato da transição, a fase intermediária entre a vida e

a morte. Diante de toda a luta pela qual se tem que passar até atingir a morte, o “eu” sente medo, e carrega dentro dele um sentimento contraditório: a intimidade com a morte e o apego à vida. Isso o leva a pensar que, tanto a vida como a morte são verdadeiras, e que a escolha entre as duas não está ao alcance do homem.

- c) lagartixa: a vida que sucumbe diante dos olhos do “eu”, por mera casualidade. Ele próprio sendo o causador direto da morte, fica perplexo diante da fugacidade da vida. Percebe que não possui poderes para controlar nem a vida e nem a morte. É o sentimento de incerteza diante de uma realidade que não consegue mudar.

Se atentarmos para as ligações eu-abelha, eu-rato e eu-lagartixa, temos:

- a) eu-abelha: após a morte e o desaparecimento do corpo da abelha, o “eu” imagina o que teria acontecido com ela.

“Deve estar imóvel em algum lugar, com as patas encolhidas, as antenas grudadas no rosto e talvez coberta de lama.”

ou

“Deve estar já debaixo da terra arrastada pela chuva que caiu após sua morte.”

- b) eu-rato: vendo o rato que diante da morte iminente luta de todas as formas para sobreviver, o “eu” recorda-se do seu acidente e reflete sobre a sua reação diante de uma situação semelhante à do rato.

“Se tivesse ouvido que era fatal, como eu teria reagido? Esse “eu” é um pouco difícil de imaginar. Eu teria ficado abatido. Mas, sinto que não seria acometido de um pavor com relação à morte, assim como penso normalmente. E sinto que mesmo me tendo sido comunicado isso, ainda assim, eu pensaria em me salvar e teria feito qualquer esforço para isso.”

- c) eu-lagartixa: aqui, o que existe é o “eu” perante a realidade da qual não se pode fugir. Em questão de segundos, a lagartixa tão cheia de vida cai morta diante dos seus olhos. A perceber pelo trecho:

“É uma lagartixa d’água. Ela ainda está molhada e tem uma

bonita cor. (. .) peguei a pedra e a atirei. (. .) Então, a lagartixa acabou tombando para a frente sem forças, quando os dedos das duas patas dianteiras se encolheram, depois de, com os cotovelos afastados, resistir à inclinação (da pedra). O rabo aderiu completamente na pedra. Já não se mexe. A lagartixa acabou morrendo”

o “eu” presencia *in loco* a passagem da vida para a morte, e é também o causador direto dessa passagem. É o círculo da vida e da morte iniciado com a abelha (morte consumada), continuado com o rato (vida → morte) e terminado com a lagartixa (morte presenciada).

Nas duas primeiras ligações (eu-abelha/eu-rato), temos um “eu” que faz uma reflexão através desses dois seres, e na ligação eu-lagartixa, já existe uma espécie de fusão entre o “eu” e a lagartixa, na medida em que temos:

“Senti como se restássemos só eu e a lagartixa, e senti isso colocando-me no lugar dela”

Através dessa identidade, chega-se à conclusão de que entre o viver e o morrer não existe tanta diferença, sendo que é somente através da interação de ambos que se forma um todo, o círculo vida-morte.

O que nos resta observar é a posição do “eu” perante a morte. Podemos notar, pelos trechos citados, que o que existe com relação à morte não é propriamente o medo dela, mas sim o medo de não poder esboçar qualquer reação diante dela. O personagem se encontra completamente desarmado e indefeso para enfrentá-la. A conscientização dessa incapacidade de poder controlar a vida ou a morte, significa para o “eu”, a conscientização da sua não-onipotência, o que vai ferir aquilo que há de mais essencial para o “eu”: o seu ego. E tudo aquilo que foge ao controle do ego torna-se incerto, o “eu” fica sem ter onde se firmar. Daí, um “eu” quase passivo, como alguém que se entrega a uma tropa inimiga, depois de derrotado numa ferrenha luta.

“O viver e o morrer, esses dois fatos, não são opostos. Pareceu-me não haver tanta diferença assim. Já estava relativamente escuro. A visão só captava as luzes longínquas. A sensação do pisar, também distanciando-se da visão, era extremamente incerta. Somente a cabeça funcionava livremente. Isso me impulsionava ainda mais em direção a essa atmosfera.”

Ao chegarmos aqui, a impressão que temos é de que o “eu” chega a um beco sem saída, e tudo se acaba. mas quero acreditar que não. O “eu”, ultrapassando o ego ferido, parece procurar novos rumos para a sua vida. E, creio que o fato de o seu relato não ter terminado aqui mas, ao contrário, ter incluído as frases finais

“Depois de três semanas, eu parti dali. E depois disso, já se passaram mais de três anos. De ficar com cáries da coluna,(8) eu escapei.”

isso parece surgir como uma pontinha de luz ao longe, onde ainda existe a esperança. É como se ele quisesse nos dizer: “Apesar de tudo, ainda estou aqui, VIVO! E é o que importa!”

NOTAS

- (1) *Kinosaki nite* – Em Kinosaki, obra de 1917.
- (2) Naoya Shiga – renomado escritor japonês, nascido na província de Miyagi, em 1883 e falecido em 1971. Dentre as suas principais obras incluem-se, além de *Kinosaki nite: Abashiri made* (Até Abashiri), 1910; *Han no hanzai* (O crime de Han), 1913; *Anyu kōro* (O caminho numa noite escura), 1921-1937; *Kozo no kamisama* (O deus do aprendiz), 1920, etc.
- (3) O protagonista “eu” é típico de obras que no Japão se incluem no gênero chamado *watakushi shōsetsu* ou *shishōsetsu*, tipo de romance autobiográfico. *Kinosaki nite*, tem forte influência desse gênero, mesmo porque Naoya Shiga é um dos grandes representantes desse gênero literário.
- (4) Kinosaki – refere-se à estação termal localizada na cidade de mesmo nome na província de Hyogo, e muito famosa na região oeste do Japão.
- (5) *Bunshō Dokuhon* – obra do autor Junichiro Tanizaki, onde ele estuda a língua japonesa sobre vários aspectos.
- (6) No Japão, a maioria dos rios que atravessam a cidade possuem as margens reforçadas por pedras, formando uma espécie de muro.
- (7) Aoyama – refere-se ao cemitério de Aoyama, localizado no bairro de mesmo nome. Naoya Shiga e a sua família estão enterrados nesse cemitério.
- (8) Cáries da coluna – uma espécie de inflamação das vértebras.